

## Exu: o mal que se torna bem

Sônia Regina C. Lages\*

### Sinopse

Este ensaio visa apresentar a entidade de Exu através de uma análise dos seus mitos coletados por Reginaldo Prandi em *Mitologia dos Orixás*<sup>1</sup>, especificamente aqueles que tratam diretamente da relação entre Exu e Orunmilá ou Ifá. Ele dará ênfase ao aspecto curativo que essa entidade pode proporcionar a um indivíduo ou mesmo a uma cultura. Através do pensamento junguiano, buscará compreender a entidade de Exu como sendo propiciadora do renascimento, da harmonia entre o Ayê e o Orum e como o elemento essencial na construção de novas maneiras de ser.

**Palavras-chave:** Exu, Orunmilá, Consciência, Transcendência dos Opostos, Individualização.

### Abstract

This essay aims at presenting the Exu entity through an analysis of his myths as collected by Reginaldo Prandi in *Mitologia dos Orixás*, specifically of those myths dealing directly with the relation between Exu and Orunmilá or Ifá. It will give emphasis to the healing aspect that this entity can bring onto an individual or even a culture. By means of a perspective based on Jung's work, it will try to understand the Exu entity as bestowing rebirth, harmony between the Ayê and the Orum, and as the essential element in constructing new modes of being.

**Key-words:** Exu, Orunmilá, Consciousness, Opposites Transcendence, Individualization.

---

\* Psicóloga, Mestre em Ciência da Religião pela UFJF, Doutoranda em Psicologia na UFRJ, professora na Universidade Estácio de Sá e na Universo em Juiz de Fora, MG.

<sup>1</sup> Reginaldo PRANDI, *Mitologia dos orixás*.

I

Conta o mito dos povos iorubás que em terras africanas existiu um mensageiro chamado Exu, ou também chamado de Legba, Bará ou Eleguá, que andava pelas aldeias à procura de solução para os terríveis males que naquela ocasião atingiam o mundo, tanto o dos seres humanos quanto o dos orixás. Assim, Exu passou a coletar do povo todas as histórias de sofrimento e dramas vividos pelos seres humanos, pelas divindades, pelos animais e outros seres que habitavam a Terra. Feito isso, o mensageiro passou a ter todo o conhecimento sobre a vida e destino de todos os seres vivos que diziam respeito aos infortúnios, às aflições, às doenças, à perda de bens materiais, à pobreza, às traições e até à própria morte. E também, o conhecimento de tudo o que deveria ser feito, as providências e oferendas aos deuses, para que se pudesse dar um fim mais feliz aos desafios propostos pelo destino.

Conta-se que todo esse saber, esse segredo, foi dado a um adivinho de nome Orunmilá, ou Ifá, que os transmitiu aos seus seguidores, os sacerdotes do oráculo de Ifá, que são chamados babalaôs ou pais do segredo. Exu é, portanto, o mensageiro responsável pela comunicação entre Orunmilá, o deus do oráculo, e o mundo dos homens e das mulheres.

Exu, então, além de habitar as fronteiras, os limiares, ocupa também este lugar nos estudos e na literatura que se debruçam sobre a análise desta figura dúbia e intrigante.

As opiniões se dividem. De um lado alguns autores compreendem esta divindade como portadora do mal cuja função é de infernizar a vida dos humanos e dos próprios orixás. Um outro ponto de vista afirma que Exu estaria sempre visando o bem, apesar de suas práticas colocarem em dúvida sua moral. Mas não fica bem claro que bem é esse que foi alcançado em decorrência de suas estratégias maliciosas.

Essas divergências oferecem uma pista para a compreensão da personalidade dessa entidade. Exu é inecaptável. Como a substância mercurial ele é escorregadio, fugidio, de forma mutante. Lembra também o deus grego Hermes, o mensageiro dos deuses, e também como esse deus, o habitante das encruzilhadas, dos portais. Ser portador de uma mensagem, de um recado, num

entroncamento de caminhos, nos remete às várias possibilidades de entendimentos. Seguir uma ou outra estrada? Para cada escolha, um destino se inscreve. Como nos diz o psicólogo junguiano, James Hillman a respeito de Hermes:

O cosmos de um deus via Hermes abre-se de repente no de outro. Enxergamos um ponto de vista a partir do ponto de vista de outro. Isso é Hermes operando em nossa visão – o deus dos entremeios, mantendo-nos no mundo e guiando-nos para fora dele no mesmo instante.<sup>2</sup>

A partir da coletânea que Reginaldo Prandi faz sobre os mitos de Exu, em *Mitologia dos Orixás*, se tentará verificar nos mitos selecionados, essas diversas consciências operando na vida e no destino dos humanos e dos orixás, as diversas transformações que decorrem de suas práticas dúbias. Se tentará enfatizar nos mitos seus fins últimos, a trilha que foi seguida, o valor transmutado.

## II

Chama atenção logo de início, a amizade e proximidade que tem Exu de Orunmilá ou Ifá, o Orixá do oráculo e da sabedoria, sendo que um dos mitos o coloca como filho daquela divindade. Apesar de todas as rebeldias e ciladas que Legba pratica contra Ifá, em todas as situações, o final da história aponta para uma reconciliação. E mais ainda, Exu acaba obtendo posição diferenciada e referenciada dentro do panteão ou em outros momentos até mesmo como salvador daquele Orixá.

Prandi intitula estes aspectos de Legba como: “Exu come tudo e ganha o privilégio de comer primeiro”<sup>3</sup>, “Eleguá ajuda Orunmilá a ganhar o cargo de advinho”<sup>4</sup>, “Exu põe Orunmilá em perigo e depois o salva”<sup>5</sup>, “Exu atrapalha-se

<sup>2</sup> James HILLMAN, *O livro do puer*, p. 170.

<sup>3</sup> Reginaldo PRANDI, *Mitologia dos orixás*, p. 42.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 87.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 68.

com as palavras”<sup>6</sup>, “Elegbara devora até a própria mãe”<sup>7</sup>, “Exu torna-se o amigo predileto de Orunmilá”<sup>8</sup>.

É convidativo deter-se um pouco na relação entre essas duas entidades, com personalidades tão díspares, tão opostas e tão capazes de transcender e superar os conflitos e inimizades. A impressão que se tem é que a relação é mediada por profundo respeito às potencialidades de cada um e mesmo por uma necessidade do aspecto oposto de cada singularidade. Averigüemos.

No mito “Exu come tudo e ganha privilégio de comer primeiro” e “Elegbara devora a própria mãe”, está presente a oralidade devoradora desta divindade:

Exu comia de tudo  
e sua fome era incontrolável.  
Comeu todos os animais da aldeia em que vivia.  
Comeu os de quatro pés e os de pena.  
Comeu os cereais, as frutas, os inhames, as pimentas.  
(...) Quanto mais comia, mais fome Exu sentia.  
(...) Furioso, Orunmilá compreendeu que Exu não pararia  
e acabaria por comer até mesmo o céu.<sup>9</sup>

Tempos depois nasceu Elegbara, filho de Orunmilá.  
Para espanto de todos nasceu falando  
E comendo tudo que estava diante de si.  
(...) Sua fome era insaciável,  
tudo o que pedia, a mãe lhe dava,  
tudo o que lhe dava a mãe, ele comia.  
Já não tendo como saciar a medonha fome,  
Elegbara acabou por devorar a própria mãe.<sup>10</sup>

A transgressão à comedição para comer, faz com que Ifá castigue Exu.

---

<sup>6</sup> Ibid., p. 56.

<sup>7</sup> Ibid., p. 49.

<sup>8</sup> Ibid., p. 76.

<sup>9</sup> Ibid., p. 42.

<sup>10</sup> Ibid., p. 49.

Orunmilá pediu a Ogum  
que detivesse o irmão a todo custo.  
Para preservar a Terra e os seres humanos e os próprios orixás,  
Ogum teve que matar o próprio irmão.<sup>11</sup>

Ainda com fome Exu tentou comer o pai.  
Mas Orunmilá pegou da espada  
E avançou sobre o filho para matá-lo.  
Exu fugiu sendo sempre perseguido pelo pai.  
A perseguição ia de Orum em Orum.  
A cada espaço do Céu, Orunmilá alcançava o filho,  
Cortando-o em duzentos e um pedaços.<sup>12</sup>

Que fome insaciável seria essa de Exu, que quanto mais come, mais fome tem? É claro que sua necessidade incontrolável de se alimentar tem um caráter simbólico. Fome, então, do quê?

Analisando a cultura popular na Idade Média e no Renascimento, através da obra de Françoise Rabelais, Bakhtin<sup>13</sup>, se refere à *grande boca escancarada* de Pantagrue, personagem rabelaisiano, como uma das imagens centrais, cruciais, do sistema da festa popular. O autor compreende a imagem da absorção e da deglutição, como uma imagem ambivalente muito antiga da morte e da destruição. A boca é a porta aberta que conduz ao baixo, aos infernos corporais, e portanto o retorno ao seio da terra, ao renascimento. É interessante observar que o personagem Pantagrue recebeu esse nome em referência a um dos demônios das diabruras constantes na literatura popular da época, que na linguagem corrente, designava a afonia que se segue a um excesso de bebida (era, portanto, a doença dos bêbados).<sup>14</sup>

Para compreender melhor, a relação entre a *grande boca aberta* e o renascimento, que propõe Bakhtin, será preciso voltar ao nascimento de Pantagrue, que, como Exu, também mata sua mãe:

---

<sup>11</sup> Ibid., p. 42.

<sup>12</sup> Ibid., p. 49.

<sup>13</sup> Mikhail BAKHTIN, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, p. 284.

<sup>14</sup> Ibid., p. 284.

Gargantua, na idade de quatrocentos e oitenta e quarenta e quatro anos, engendrou seu filho Pantagruel, de sua mulher, chamada Badebec, filha do rei dos amaurotes em Utopia, a qual morreu da doença de parto: pois ele era tão maravilhosamente grande e tão pesado que não podia vir à luz sem assim sufocar sua mãe.<sup>15</sup>

Pantagruel, ainda no berço, mama o leite de quatro mil e seiscentas vacas, sua papa é servida em gamela gigantesca. Um dia, insaciável, ele salta do berço e devora duas tetas e a metade do ventre, com o fígado e os rins da vaca. Num outro dia ele engole um urso como se engolissem um frango.<sup>16</sup> Todas as suas façanhas consistem em mamar, devorar, engolir, despedaçar.

Segundo Bakhtin, os temas do parto e da morte, das altas esferas celestes ao baixo corporal, desembocam na terra que recebe o corpo morto, os dejectos, o sangue, todos os elementos que se deterioram, se transformam e se transmutam em elementos férteis. Para o autor, “o escatologismo medieval é rebaixado e renovado nas imagens do “baixo” material e corporal absoluto”.<sup>17</sup> Assim, a imagem da *boca aberta* está ligada ao de *seio materno aberto* e tem sentido cósmico. O ser humano encontra, experimenta e assimila os elementos cósmicos (terra, água, ar, fogo) no interior de seu próprio corpo.

Erich Neumann, psicólogo junguiano, no mesmo sentido de Bakhtin, irá dizer que o oral é símbolo de troca com o mundo, que a boca tem implicações cósmicas e mais tarde sociais, que ela é uma unidade psicológica, que ela representa “uma experiência simbólica fundamental de uma abertura para o exterior, para o mundo e para o ‘tu’ e numa conexão com o ‘tu’”.<sup>18</sup> Assim, os atos de comer e alimentar significam uma maneira de introjetar, de interpretar o mundo e de integra-se nele.

Exu quer aprender. Aprender sobre os segredos dos ciclos da natureza, sobre o início, o meio e o fim das coisas, sobre a vida e a morte. Legba devora a mãe e quer também engolir o pai. Ele quer assimilar, apreender, compreender o

<sup>15</sup> OBRAS, Pléiade, p. 177-178; Livro de bolso, vol. I, p. 63. In: Mikhail BAKHTIN, *A cultura popular...*, p. 288.

<sup>16</sup> Ibid., p. 290.

<sup>17</sup> Ibid., p. 293.

<sup>18</sup> Erich NEUMANN, *Psicologia profunda e nova ética*, p. 27

mundo, quer entrar em contato com estes grandes arquétipos que regem todos os mitos de origem, a Grande Mãe, o Velho Sábio.

E é justamente este ato desvairado que possibilita a essa divindade o conhecimento sobre as coisas, mas um conhecimento que é imparcial, que não seleciona, não distingue entre o que é bom, saudável, ou não. Exu ao comer um animal, ingere tanto sua carne macia e nutritiva quanto suas partes duras, gordurosas, as substâncias impróprias para a saúde. Ao engolir lemanjá, ele assimila tanto seu aspecto materno, protetor, fértil, gerador de vida, quanto seu poder feminino de destrutividade, disseminador de desavenças, exterminador da vida. Assim, Legba domina o saber sobre o bem e o mal, sobre a vida e a morte.

A experiência religiosa de Exu provoca resistência e perseguição, pois ele põe em risco todo um estilo de vida e universo de valores. Em seu aspecto dionisíaco, ele é o deus do descomedimento. Em sua necessidade de introjetar o mundo, ele abole as fronteiras entre o bem e o mal, entre a medida certa das coisas e o excesso. Tudo é vida e digno de ser vivido.

Como o deus grego Dionísios, deus do êxtase, da orgia, do entusiasmo, da transformação, Exu é também morto e desmembrado. Dionísios, perseguido pelo ciúme de Hera, esposa de Zeus, seu pai, é raptado e morto pelos Titãs que o fizeram em pedaços e comeram suas carnes. Zeus enfurecido pelo ato dos Titãs os fulmina com um raio sendo que de suas cinzas nascem os homens, o que segundo Juanito Brandão, “explica no ser humano os dois lados; o bem e o mal.”<sup>19</sup>

Exu também é morto por Ogum, seu irmão, e em outra ocasião por seu próprio pai que o corta em duzentos e um pedaços que se espalham no espaço sagrado de Orum.

A morte entretanto não aplacou a fome de Exu.  
Mesmo depois de morto  
podia-se sentir sua fome devoradora,  
sua fome sem tamanho.  
Os homens não tinham mais o que comer  
e todos os habitantes da aldeia adoeceram,

---

<sup>19</sup> Juanito de Souza BRANDÃO, *Mitologia Grega*, p. 117-118.

e de fome, um a um foram morrendo.

Cada pedaço transformou-se num langui, um pedaço de laterita.  
A cada encontro o ducentésimo primeiro pedaço  
transformava-se novamente em Exu,  
correndo de um espaço a outro  
terminaram por alcançar o último Orum.<sup>20</sup>

Exu apesar de morto, despedaçado, não desapareceu. Seu sumiço é intensamente desejado pela consciência ocidental-moderna que tem a tendência de negar tudo que diz respeito ao negativo. Mas Exu não some, não é isto que acontece. Ele vive, continua devastando plantações e multiplicando-se no espaço de Orum, preenchendo todos com sua presença, até que

Um sacerdote da aldeia consultou o oráculo de Ifá  
e alertou Orunmilá quanto ao maior dos riscos:  
Exu, mesmo em espírito, estava pedindo sua atenção.  
(...) Orunmilá obedeceu ao oráculo e ordenou;  
“Doravante, para que Exu não provoque mais catástrofes, sempre  
que fizerem oferendas aos orixás deverão em primeiro lugar servir  
comida a ele”.  
Para haver paz e tranquilidade entre os homens,  
É preciso dar de comer a Exu,  
Em primeiro lugar.<sup>21</sup>

Como não tinham saída, resolveram entrar em acordo.  
Elegbara devolveu tudo o que havia devorado, inclusive a mãe.  
Cada langui poderia ser usado por Orunmilá  
Como sendo o verdadeiro Exu.  
E langui trabalharia para Orunmilá,  
Levando oferendas e mensagens enviadas pelos homens.  
Em troca, em qualquer ritual,  
Elegbara seria saudado sempre antes dos demais.<sup>22</sup>

<sup>20</sup> Reginaldo PRANDI, *Mitologia dos orixás*, p. 42.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 42.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 49.

Metaforicamente, a insistência de Elegbara em viver, sua morte e renascimento, poderá ser compreendida como um pedido da alma para que o ser humano não se esqueça de sua natureza primeira que abarca tanto os mais altos princípios e valores espirituais como também os mais baixos e mesquinhos. Ou no sentido bakhtiniano, “dar comida primeiro a Exu” pode ser compreendido como um ritual que insere o ser humano no cosmos e lhe dá a responsabilidade de gerar dentro de si mesmo todas as possibilidades e modos de existência. O alimento então, dado primeiramente a Exu, pode ser lido como a semente que já traz em si mesma a árvore, o fruto. Se erva daninha ou um frondoso carvalho, será o indivíduo que irá escolher.

Orunmilá prescinde de Exu para criar novos mundos, haja visto que Exu percorreu todos os Oruns. Trata-se aqui, então, do nascimento de um novo estilo de consciência necessário para que o ser humano possa viver de maneira plena sua totalidade.

### III

Orunmilá ou Ifá é um orixá com uma posição de destaque no Candomblé, tendo seu próprio culto e sacerdotes próprios, “ele conhece o passado, o presente e o futuro. Ifá concentra toda a sabedoria; ele é o portador da cultura e do saber.”<sup>23</sup> Ifá, ao transmitir seu conhecimento através da consulta, restitui a harmonia entre os dois níveis de existência. O teólogo Volney Berkenbrock diz que o papel desse orixá “é corretamente compreendido quando o relacionamos com a manutenção do equilíbrio entre Orum e Aiyé.”<sup>24</sup> Ele continua dizendo que é através de Ifá que as pessoas ficam sabendo qual é o seu orixá, qual a causa desse desequilíbrio e que oferenda deve ser feita para a restauração daquele equilíbrio que foi perdido.

Nos mitos de Exu a seguir observados, “Eleguá ajuda Orunmilá a ganhar o cargo de advinho”, “Exu põe Orunmilá em perigo e depois o salva” e “Exu torna-

<sup>23</sup> Volney J. BERKENBROCK, *A experiência dos orixás*, p. 246.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p.247.

se amigo predileto de Orunmilá” percebe-se um elemento comum: a salvação através do aspecto sombrio de Exu, e a partir daí o restabelecimento do equilíbrio. Em “Exu atrapalha-se com as palavras” a individualidade é fruto de uma escolha: é dada a Exu como morada permanente a encruzilhada.

A reconstituição da harmonia entre os dois mundos, oferecida por Orunmilá, Aiye (a existência no mundo material) e Orum (o nível sobrenatural mas que também engloba o Ayê), tem a participação ativa de Eleguá. O restabelecimento da ordem pressupõe a ação de duas forças contrárias, seja mal e bem, céu e terra, racionalidade e paixão. No entanto, inversamente ao que o espírito humano idealiza e fantasia, numa grande maioria das vezes, são as forças contrárias que vencem. O que se faz com a derrota é que é a questão.

Orunmilá, concorrendo à vaga de advinho deixada por Xangô (“Eleguá ajuda Orunmilá a ganhar o cargo de advinho”), se submete às provas de Olofim. Nesse momento o mundo desintegra sua harmonia. Existe um orixá pobre, ansioso por uma profissão, um sem lugar, um sem “eira nem beira” como qualquer ser humano em busca um lugar ao sol. Ifá sabe que a malícia, a vigília atenta e constante, podem lhe salvar, por isso ele não prescinde da ajuda de Eleguá que atua com suas usuais ferramentas: negocia coisas, mente, usa de sua esperteza. E claro, Orunmilá consegue o cargo de advinho e passa a ser considerado como o único que sabe ler o futuro corretamente.

Assim também acontece em “Exu põe Orunmilá em perigo e depois o salva”. Exu engana o amigo chegando ao ponto de deixar Orunmilá ser considerado um ladrão por roubar *obis* de uma fazenda, o que não era verdade. Mas o veneno que mata é o mesmo que pode salvar. Exu reverte a história e salva Orunmilá.

É interessante observar como é natural no mito a associação entre o que é diverso, diferente. Exu, um malandro esperto, negociador, Orunmilá um orixá politicamente correto. Tal associação é percebida por esse orixá que diz: “Como é possível que duas pessoas indo em direções opostas se encontrem duas vezes na mesma estrada?”<sup>25</sup> É claro que isso foi obra das armadilhas de Exu, mas é justamente este detalhe que se torna significativo no mito. Orunmilá aceita as trapaças de Exu.

---

<sup>25</sup> Reginaldo PRANDI, *Mitologia dos orixás*, p. 68.

O mito “Exu torna-se amigo predileto de Orunmilá” se inicia com uma pergunta: “Como se explica a grande amizade entre Orunmilá e Exu, visto que eles são opostos em muitos aspectos?”<sup>26</sup> e em seguida:

Orunmilá era calmo, e Exu quente como o fogo.  
(...) Orunmilá aplainava os caminhos para os humanos,  
enquanto Exu os emboscava na estrada  
e fazia incertas todas as coisas.  
O caráter de Orunmilá era o destino, o de Exu, o acidente.  
Mesmo assim ficaram amigos íntimos.<sup>27</sup>

Os opostos existem, mas não tentam se superar, não adotam posturas unilaterais. Orunmilá em nenhum momento condena as atitudes de Exu ou o destrói, ou o confina a um lugar isolado, até mesmo pelo contrário. O destino de Exu é a encruzilhada, por onde todos um dia passam. Podemos ver no mito, então, a consciência transformada que surgiu de um acordo feito entre Exu e Orunmilá, entre os aspectos sombrios e os iluminados. É possível o trabalho conjunto dos orixás. É possível à consciência se libertar de sua prolongada identificação apenas com qualidades positivas que predominam nas mentes apolíneas, racionais, e reassumir uma consciência unificada, uma imagem de mundo unitária, reassumir também o inferior, o grotesco, o animalesco.

Nos mitos que aqui foram analisados foi possível essa integração. Exu no final da história é um colaborador, ele transforma a relação. A pessoa que passa por esse processo de integração de opostos, a que Jung deu o nome de individuação - estado que o indivíduo passa a assumir sua condição humana com todas as contradições inerentes a ela, tem a possibilidade de viver uma vida mais plena e significativa.

Assim, o equilíbrio entre os dois mundos, o interno e o externo, entre Orum e Aiyé só pode ser reconquistado quando uma pessoa ou cultura é capaz de provocar uma abertura tal na consciência que ela é capaz de se confrontar com o que causa o desequilíbrio. Só assim se poderá reunir a disposição

---

<sup>26</sup> Ibid., p. 76.

<sup>27</sup> Ibid., p. 76.

necessária para fazer algo a respeito do que se vê, restabelecendo-se novamente o equilíbrio.

A reconstrução parte dessa capacidade de reformulação da sombra. Ao nitidamente ver todos os aspectos de nós mesmos e dos outros, tanto os deformados quanto os divinos, é que a luz, a consciência, poderá aflorar:

Com essa luz penetrante, pode-se ver do outro lado da má ação um coração generoso; pode-se vislumbrar um espírito delicado esmagado pelo ódio; pode-se entender muito em vez de apenas sentir perplexidade. Essa luz pode discriminar camadas distintas da personalidade, das intenções e das motivações nos outros. Ela pode terminar o consciente e o inconsciente em nós mesmas e nos outros. É a varinha de condão do conhecimento.<sup>28</sup>

Podemos compreender a atitude de Orunmilá como uma habilidade da consciência em lidar com as fraquezas do ser humano, com sua capacidade de cometer atrocidades, enganar e agir de forma destrutiva para consigo mesmo e com o outro. A compreensão de que este aspecto caótico do indivíduo faz parte de processo de formação da sua individualidade. Assim, Orunmilá determina:

“Doravante vais viver fora e não dentro da casa”.

E assim tem sido deste então.

Exu vive a céu aberto, na passagem,

Ou na trilha ou nos campos.<sup>29</sup>

Vamos retornar a Bakthin e observar o que ele tem a dizer sobre isso. Para o autor no sistema rabelaisiano das imagens, os infernos são a *encruzilhada*, onde se encontram seus elementos diretores, os golpes, as grosserias e as imprecações, a comilança, os elementos do baixo corporal. Nos diz Bakthin que os infernos rabelaisianos, como a *encruzilhada*, são ambivalentes, pois têm um aspecto carnavalesco. Se a consciência cristã ortodoxa precipitou ao inferno os deuses da mitologia, considerados demônios, condenando-os

<sup>28</sup> Clarissa Pinkola ESTÉS, *Mulheres que correm com os lobos*, p. 140.

<sup>29</sup> Reginaldo PRANDI, *Mitologia dos orixás*, p. 67.

eternamente a serem queimados pelo fogo, tudo num clima de tristeza, pecado e culpa, onde nada volta à vida e se renova, uma vez que lá significa o julgamento final, Lúcifer, na tradição medieval não passa de um alegre espantalho, a imagem do velho poder vencido e do medo que inspira. Pode-se rir das imagens grotescas do inferno: Pantagrueu lembra que um dia Lúcifer teve cólicas intestinais por ter comido no café da manhã um *fricassê* da alma de um sargento.<sup>30</sup> A concepção de mundo infernal é entregue às chamas regeneradoras do riso, do deboche.

Exu passa a habitar as encruzilhadas, palco onde o indivíduo se defronta com sua capacidade de ser mais que um, de ter mais de uma maneira de ser, de sentir e agir. A encruzilhada de Exu é também um tormento para a consciência que tem que escolher. A existência individual será construída a partir do confronto de vozes que se alternam e que ora apontam para trilha que segue à esquerda e cujo caminho levará a uma determinada experiência, ora para a trilha da direita, que provavelmente oferecerá oportunidades distintas. Há a possibilidade, ainda, de não se sair do lugar, e ficar petrificado ou parado somente olhando e planejando que um dia, qualquer dia, se tomará uma decisão.

Mas se a encruzilhada onde mora Exu é um lugar sombrio, que causa medo, insegurança e aflição, pois portadora de escolhas, mudanças de rumos, ela também, como em Bakthin, tem um aspecto festivo. Lá são deixadas as oferendas- comidas, bebidas, rosas, pedaços de coisas. São oferecidos ainda, a Exu, no terreiro, pontos cantados em meio à dança, às palmas e o som do tambor. O medo do que causa o infortúnio, a insegurança quanto ao futuro, estes sentimentos cruzados, são relativizados pelas oferendas. A encruzilhada não determina o fim, pelo contrário, ela abre caminhos.

James Hillman também fala dessa consciência que escuta atentamente as diferentes oportunidades que lhe são oferecidas pelos caminhos cruzados e diz a respeito da multiplicidade de propostas trazidas por Mercúrio:

Mercúrio é o mensageiro dos deuses, portanto ele precisa ser capaz de ouvir suas mensagens em qualquer coisa que seja dita. Este é o ouvido hermenêutico que escuta através, uma consciência das bordas, assim como Hermes era adorado nas

---

<sup>30</sup> Mikhail BAKTHIN, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, p. 342.

fronteiras. E as fronteiras aparecem em qualquer lugar assim que adentramos aquela duplicidade de mente que escuta dois modos ao mesmo tempo.<sup>31</sup>

Ninguém melhor do que Eleguá, que come tudo, que introjetou tanto o bem como mal como já foi visto, para discernir qual voz será ouvida, qual atitude será tomada. Só mesmo ele poderia habitar o cruzamento dos dois mundos. Essa paisagem entruncada faz parte da condição psicológica do indivíduo de optar, escolher, e assim ser o que se é, como nos ensina Exu; ou como na leitura junguiana, a partir da transcendência dos opostos, tornar-se um ser único e singular:

São muitas as tramóias de Exu.  
Exu pode fazer contra,  
Exu pode fazer a favor.  
Exu faz o que faz, é o que é.<sup>32</sup>

## Referências bibliográficas

- BAKTHIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento, o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HuteC, 1987.
- BERKENBROCK, Volney J. *A experiência dos orixás, um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRANDÃO, Juanito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos - mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- HILLMAN, J. *O livro do Puer, ensaios sobre o Arquétipo do Puer Aeternus*. São Paulo: Paulus, 1999.
- HILLMAN, James. *O mito da análise*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- NEUMANN, Erich. *Psicologia profunda e nova ética*. São Paulo: 1991.

<sup>31</sup> J. HILLMAN, *O livro do puer*, p. 169-170.

<sup>32</sup> Reginaldo PRANDI, - mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem *Mitologia dos orixás*, p.70.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.